



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ensaiando/>

## Ensaio de escritas entre derivas e travessias

Tiago Amaral Sales<sup>1</sup>

**RESUMO:** Um texto em ondas. Escritas experimentais, lampejos desejosos, linhas de vida. Quais lugares são possíveis de serem trilhados, percorridos, habitados, vividos? Este é um ensaio sobre portas, muros, mares e morais que separam existências, pensando em possibilidades de ultrapassá-los e sonhar territórios possíveis de vidas em coexistências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensaio. Escrita. Vida. Sonho. Refúgio.

---

## Rehearsing writings between drifts and crossings

**ABSTRACT:** A text in waves. Experimental writings, wishful flashes, lifelines. What places are possible to be trodden, traveled, inhabited, lived? This is an essay about doors, walls, seas and morals that separate existences, thinking about possibilities of going beyond them and dreaming possible territories of lives in coexistence.

**KEY-WORDS:** Assay. Writing. Life;. Dream. Refuge.

---

*Pensar é deixar-se perder pelo deserto, uma aventura no espaço liso, selvagem, potencialmente letal. (...) Linha de fuga, o refúgio no deserto ou em ilhas perdidas no meio do oceano imenso, pensar é a louca corrida da superação, não uma batalha, uma guerrilha ou uma briga a se comprar.*

*Tomaz Tadeu, Sandra Corazza e Paola Zordan (2004, p. 39-40)*

---

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO – Criação, arte e vida (UFU); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com.



## Se este lugar não é meu, então qual é o meu lugar?

Portas se fecham.

Muros são levantados.

Cercas, arames farpados.

Negativas.

Violências.

Recusas.

Aqui não!

Este não é o seu lugar!

Então qual é o meu lugar?

Onde é possível que eu exista?

Eu posso existir?

O que sou eu?

Onde “eu” posso existir?

“Sujeito e nação não passam de ficções normativas que visam os processos de subjetivação e de criação social em constante transformação”, reflete Paul B. Preciado (2020, p. 38-39).

Existiriam possibilidades, mesmo que moleculares, de quebrar com estes duros territórios do “eu”, do “país”, do “meu”?

“A subjetividade e a sociedade são constituídas de uma multiplicidade de forças heterogêneas, irreduzíveis a uma única identidade, a uma única língua, a uma única cultura, a um único nome” (PRECIADO, 2020, p. 38-39).

Será que o que chamo, percebo e reconheço como ‘eu’ pode existir? E, se puder, como pode essa existência?

Existir?

Viver?

Talvez um bom caminho fosse tentar dissolver, de alguma forma, estas duras marcas que me cristalizam. Seria possível?

E, enquanto isso, existiriam lugares possíveis de serem habitados por mim? Por nós?

## Habitar os meios

Habitat.



Lar.

Fazer casa, ninho e morada em um lugar.

Em um ambiente, no meio.

“É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade”, afirmam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, p. 49) ao pensarem no conceito de rizoma.

Rizoma, caule subterrâneo que se alastra no meio: ganha velocidade.

Meio-ambiente: território de velocidades.

Território de quem?

Meu? Não é.

Então de quem é?

É de alguém?

Território em atritos.

Esse lugar que para mim é (des)conhecido, não é meu: me foi negado.

Mas preciso de um lugar meu. Um território que possa chamar de meu.

Meu? Preciso?

E será que, para chamar de meu, precisarei expulsar os outros que também querem nele habitar?

Ou será possível coabitar?

Outros...

Quem são esses outros? Esses outros são eu? São outros eus também?

Outros eus... Outros...

Ser outro... Quiçá, ser “todo outro”, como Fernand Deligny (2018, p. 109) fala dos seres autistas e dos monges.

Quantos outros posso ser?

Quantos outros preciso ser?

Para aqui habitar, preciso mudar?

Deslocar.

Mudanças... climáticas.

Climão?

### **Travessias... possíveis?**

Mudar de lugar, me mudar.



Mudar meu corpo, minha fala, meu cabelo, minha pele, meus pensamentos, meus desejos, meus sonhos, minha postura perante o mundo?

Preciso? Quero? Como?

Transitar, cambiar?

Fazer uma travessia... para onde?

Travessia nos desertos e oceanos.

Travessias a-morais.

Muitos morrem ao tentar atravessar.

Cruzar territórios proibidos é muito perigoso.

Ou seria viver, como afirma Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2015), muito perigoso?

A travessia é, antes de qualquer coisa, um grande risco.

Risco-de-vida!

Estreitos oceânicos que não tem nada de estreito: são largos.

Crianças que morrem ao tentar atravessá-los.

Militares que recebem estes outros com cassetetes, que os destina aos escombros.

Ser outro em terra de Eus é viver totalmente à margem.

No escanteio.

Em uma vida precária e passível de ser exterminada a qualquer momento.

Sem choro, nem velas.

Cuidado!

Perigo!

“Por isso, cuidado, meu bem! Há perigo na esquina... Eles venceram e o sinal está fechado para nós, que somos jovens...” escreveu e cantou Belchior na música *Como nossos pais*. Elis Regina também levou estes versos para tantos cantos quanto foram possíveis, cruzando mares, atravessando territórios.

Mas cuidado! Nem todos foram autorizados!

Cruzar territórios ainda é muito perigoso.

Perigo de desaparecer.

Perigos... Perigo-censura, perigo-deportação, perigo-prisão, perigo-escravidão. Perigo-dessubjetivação?

Apagamento total, principalmente para os que vêm de fora.

Estrangeiros, forasteiros, imigrantes.

Outros. Anormais. Monstros.



Refugiados...

Mas, para ser refugiado, é preciso que o outro lugar em que se adentra seja refúgio.

Um lugar-outro?

Isso me estranha, pois um lugar que não é meu não me aparenta ser refúgio.

Lugar-que-não-é-meu parece ser hostil.

Perigo constante.

Olhares de suspeita.

Palavras de negação.

Atitudes de silenciamento.

### **Derivas intensivas**

Já não sei se quero aqui habitar.

E para onde vou? Para onde posso ir?

Também sei que um lugar chamado de meu tem os seus riscos.

Os riscos identitários, representacionais.

Riscos nacionalistas.

Riscos internacionais.

Riscos ultraterritoriais.

Ultranacionalistas.

Transnacionais.

Micro e macro fascistas.

Riscos de chamar um território de seu, de meu...

Riscos de delimitar.

Riscos de eliminar.

Cerrear. Matar. Extinguir. Exterminar.

Cerrear é matar?

Morte física, morte subjetiva, morte epistemológica. Morte corporal, linguística. Morte em vida.

Fim da vida.

Riscos... Perigos a-territoriais.

Ser Eu, com E maiúsculo, tem seus perigos.

Se eu me apegar demais comigo, ou seja, com o Eu, corro o risco de negar esse lugar para os outros que não são eu...



Será?

E assim, tornar este território hostil para qualquer um que seja diferente de mim.

Talvez, quem sabe, o caminho seja forjar travessias que se capilarizem por todos os territórios.

Será possível?

Linhas pontilhadas cruzando terra, céu e mar...

Cartografias-migratórias, desterritorializando espaços, territorializando outros...

Ser outro é questão de território.

Territórios... em travessias!

### **Trans-versar, a-travessar**

Ver a potência que habita nas travessias.

“A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência”, afirma Preciado (2020, p. 32) ao refletir nas suas migrações entre territórios físicos e corporais, entre gêneros, em derivas-transformações, em micropolíticas trans-nacionais.

Travessias... em potência?

Devir-nômade.

Mas, lembremos, são potências entre muitos riscos.

Risco-de-vida!

Um sonho-migração, desejo-esperança ou, talvez, última linha de fuga possível para preservar a vida.

Linha de fuga que pode descarrilar-se em morte.

Nem toda linha de fuga conduz a um encontro alegre.

Nem toda travessia desemboca em um território-refúgio.

Donna Haraway já nos alertava: “Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios” (2016, p. 2).

Nem todo mar cruzado lhe receberá de braços abertos.

Nem toda migração é para um lugar que será seu.

Des-afetos territoriais.

Mares, muros, morais...

Quantas barreiras existiriam nestas travessias?

Seria possível criar mais refúgios? E como?

Criar refúgio nos braços e abraços, nos olhos e olhares.



Refúgios em florestas, germinando pelos territórios possíveis e impossíveis.

Refúgios-rizoma, alastrando-se por todos os cantos.

Refúgios-ninhos, espaços de descanso, proteção, aconchego, nutrição.

Refúgios-restaurativos.

Berçários de novos mundos. Refúgios...

Sonho, desejo, utopia?

Refúgios em sonhos.

### **Sonhar refúgios, ensaiar escritas outras**

“Com o passar dos anos, não sei se por consolo ou sabedoria, aprendi a considerar os sonhos como parte integrante da vida” (PRECIADO, 2020, p. 19).

Também tenho aprendido a me refugiar nos sonhos, ver neles uma vida intensa, fluida e sincera.

Habitar entre delírios, desejos e pesadelos.

“Não se trata aqui de ver que a vida é um sonho, mas de ver que os sonhos também são vida”, continua Preciado (2020, p. 19).

Sonhar em forças. Sonhar ativamente, em movimentos criativos. Em possíveis, atravessando territórios turbulentos de impossibilidades.

“Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”, compôs e cantou Raul Seixas em Prelúdio.

Sonhar... coletivamente!

Criar realidades com os sonhos.

Sonhos em matilha.

Criar mundos-refúgios, ninhos-oníricos, territórios de vida em multiplicidades.

Em meio às quedas sem fim, criar paraquedas coloridos, como nos ensina Ailton Krenak:

“De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho” (2019, p. 48).

Sonhar em cores...

Criar paraquedas que nos permitam saltar entre-territórios, migrar, em devir-nômade, com forças para resistir e re-existir diariamente, em meio às tempestades, grandes ondas e desertos.

Criar formas de estar vivo, de locomover-se, de habitar o mundo, de aprender.

Formas outras de escrever, de ensaiar a vida, a escrita, a pesquisa, a educação.

Formas de fazer comunicação, de transporte, de transcrição.



“Viver como quem escreve. Escrever vivendo. Viver escrevendo. Re-viver. Re-finir.”  
(CORAZZA, 2014, p. 61).

Encontrar na escrita um refúgio. Criar refúgios escrevendo. Sonhar escritas outras de linhas de vida e modos de existência. Ensaiar.

E, se este lugar não for meu, então de quem será?

Quiçá, esse lugar seria de todos e de ninguém: é o lugar do entre, do sonho acordado, do delírio onírico.

Território mapeado nas linhas de vidas que se encontram.

Entre sonhos e travessias, em forças.

*Recebido em: 30/03/2022*

*Aceito em: 30/04/2022*

## **Bibliografia**

CORAZZA, S. M. Introdução ao método biografemático. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 20, p. 48-65, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B.. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 317 p.

ROSA, J. G.. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 492 p.

HARAWAY. D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016.





KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola (org.). **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.